



PRODUÇÃO ONÍRICA E TRABALHO DE LUTO EM CONTEXTO PANDÊMICO

ONEIRIC PRODUCTION AND MOURNING WORK IN A PANDEMIC CONTEXT

Jaquelina Maria Imbrizi¹
Jussara de Souza Silva²
Lais da Silva Vieira³
Jeniffer Cambi de Freitas⁴

Resumo: A “Roda de Conversa sobre Sonhos” surgiu como proposta de acolhimento e partilha de experiências junto aos estudantes do curso de Psicologia em decorrência da suspensão do calendário acadêmico no contexto da pandemia. Este artigo visa apresentar as ações de uma psicanálise implicada com o seu tempo e com a invenção de modos de cuidado e um método de intervenção. Por meio da escuta e circulação da palavra sobre a narrativa onírica foram criadas intervenções em duas dimensões de tratamento do material trazido pelo sonhante: a inescapável singularidade e o comum partilhado. Os sonhos são entendidos como trabalho psíquico de elaboração dos acontecimentos traumáticos que reencenam interpelações direcionadas ao sujeito em duas direções: o contexto histórico e sociopolítico e as reminiscências do passado. O encontro produziu reflexões sobre morte e despedidas e sobre o desalento diante das incongruências dos representantes do governo.

Palavras-chave: sonhos; acontecimentos traumáticos; trabalho de luto.

Abstract: The “Dream Talk Group” emerged as a proposal to welcome and share experiences with students of the Psychology course due to the suspension of the academic calendar in the context of the pandemic. The article aims to present the actions of a psychoanalysis implied with its time, as well as the invention of forms of care and an intervention method. Through listening and word’s circulation about the dream narrative, interventions were created in two treatment dimensions of the material brought by the dreamer: the inescapable singularity and the shared common. Dreams are understood as psychic work’s elaboration of traumatic events that reenact interpellations directed to the subject in two directions: the historical and socio-political context and the reminiscences of the past. The meeting produced reflections on death and

¹Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - *Campus* Baixada Santista, SP, Brasil. É membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política da USP (PSOPOL). Coordena o diretório de pesquisas do CNPq "Laboratório Psicanálise, Política, Arte e Sociedade (PPAS) e o projeto de extensão: Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes. jaquelina.imbrizi@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174>

² Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - *Campus* Baixada Santista, SP, Brasil. jussara.souza@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3253-5838>

³ Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - *Campus* Baixada Santista, SP, Brasil. vieira.lais@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1568-3257>

⁴ Graduanda do curso de Psicologia na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) - *Campus* Baixada Santista, SP, Brasil. jeniffer.cambi@unifesp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4573-7896>

farewells and the discouragement in the face of the government representatives' incongruities.

Keywords: dreams; traumatic events; mourning process.

Cena 1 – A despedida de um irmão

Até hoje, eu tenho a sensação de que ainda não consegui me despedir do meu irmão. Depois de um período de mais de 24 horas que duraram o traslado do corpo e o ritual do processo de velar o morto e todo o sofrimento que se seguiu à sua perda, ele, com 24 anos, fazia a passagem, e eu, com 14 anos, recebia a notícia de sua morte. Era 1981, eu morava em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais – por isso a longa espera pela chegada do corpo que viria da cidade de Curitiba onde ele morava à época, trazido por meus pais, tios e irmãos em dois carros: um da família e outro do serviço funerário. Um acidente violento de trânsito ceifou a moto da estrada, e de mim, a vida do meu irmão. Àquela época, os corpos eram velados na casa dos familiares do falecido, no caso, no espaço da copa em um sobrado que abrigava também o comércio dos que ali residiam. A recordação é de muita gente entrando e saindo da casa, antes e depois de velar o corpo, e uma sensação de falta de privacidade e de invasão do espaço íntimo da adolescente que descobria o mundo e era apaixonada por seus irmãos. Gente conhecida e desconhecida circulando pela casa, curiosos com ânsia para ver o sofrimento diante da morte em sua crueza máxima. Alguém muito caridosa ofereceu-me um calmante que teve o efeito de enfatizar a impressão de irrealidade das cenas que se sucederam e impedir o choro espontâneo. Havia uma sequência de rituais: a chegada do caixão e sua abertura para o olhar dos vivos sobre o corpo morto, ali quase intacto, pois inchado, com um pouco de maquiagem e uma cicatriz na cabeça. Fui tomada por certa paralisia e muita dificuldade de me aproximar do caixão, ali no espaço da casa, até que uma tia, atenta à angústia da sobrinha, resgatou-me e cuidadosamente foi direcionando-me para mais perto e conduziu minha mão para que pousasse na mão do meu irmão. E como é gelada a mão de um corpo morto e que estranhamento causado! – pois ali era e não era ele, entre a imagem do irmão trazida da memória e a cena do corpo inerte no ataúde. No ritual do enterro, uma multidão (de conhecidos, parentes, amigos e curiosos) acompanhou a procissão no lance de duas quadras que ainda separam a casa da família do primeiro cemitério da pacata cidade de Guaxupé. Ah, os abraços dos que ainda estão vivos, como são reconfortantes e como são quentes os braços que enlaçam uma pessoa em sofrimento nesses momentos de perda e de despedida de um ente querido.

A cena 1 vista de um intervalo de 39 anos, *a posteriori* do acontecimento-ruptura (CARRETEIRO, 2003) que pode vir a estraçalhar laços familiares e que redireciona os rumos da trajetória da vida de uma adolescente: o antes e o depois do acontecido, da paralisia, do emudecimento (IMBRIZI; ROSA, 2019) e choro compartilhado à possibilidade de elaboração da dor do laço afetivo perdido.

Esse episódio reparado, agora, da perspectiva de um momento específico do Brasil, uma pandemia por conta do novo coronavírus e a interrupção abrupta da história de vida de 72.151 brasileiros e brasileiras segundo dados oficiais do Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) até o momento em que o artigo foi redigido. São mortes que poderiam ter sido evitadas, em sua proporção, se tivéssemos um presidente da república à altura de seu cargo. Esse fato atualiza o nosso desamparo estrutural e reafirma o nosso desalento perante as duplas mensagens dos representantes do governo. O presidente da república se refere à pandemia como uma “gripezinha” e encena em suas ações públicas o desrespeito às diretrizes sanitárias da Organização Mundial da Saúde (OMS). Nós estamos experimentando certa anomia diante da impossibilidade de criarmos um pacto

social (PELLEGRINO, 2017) minimamente justo e que inclua todos os brasileiros. A nossa realidade mais desconfortável é que nós estamos à deriva, no Brasil atual, sem pai e sem pátria.

Cena 2 – A ação extensionista que coloca sonhos para circular

As imagens presentes na Cena 1 vieram à mente de uma das autoras deste artigo em decorrência de sua participação na coordenação de uma ação extensionista denominada “Roda de Conversa sobre Sonhos” (IMBRIZI, 2020), oferecida para estudantes do curso de Psicologia⁵ como forma de cuidado, partilha e mote disparador para o encontro entre a professora de um módulo da graduação (cujo calendário acadêmico foi suspenso em decorrência da pandemia do novo coronavírus), as três extensionistas que também assinam o artigo e atuam na coordenação da roda e os estudantes matriculados. Com reuniões quinzenais, *on-line*, com duração de 90 minutos, todos são convidados a narrar seus sonhos, a escutar a narrativa e as possíveis associações do(a) sonhante e também a formular perguntas, arriscar suas próprias conexões e comentar acerca de algo que lhe pareceu enigmático no conteúdo do sonho, uma palavra e um objeto que destoam na narrativa, imagens deslocadas e condensadas que produzem estranhamento, uma impressão e recordação encobridora. Todos os 57 matriculados no módulo da graduação são convidados a participar.

Os encontros *on-line* acontecem na plataforma *Google Meet* e os estudantes recebem o *link* da reunião no horário programado; muitos deles não utilizam a câmera e as participações são por voz e pelas mensagens escritas no *chat*. Alguns participantes têm uma foto pessoal como identificação; outros, a primeira letra do nome ou apenas uma imagem aleatória (um microfone, uma flor, um sorvete etc.). São tempos modernos na comunicação *on-line* na qual somos privados da imagem da pessoa em tempo real, mas há uma espécie de presença possível e de partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009). Um estudante é convidado a contar um sonho e esse é o movimento disparador para que o encontro e a presença sejam garantidas.

Cena 3 - O sonho disparador que propiciou o encontro do grupo com o tema da morte

No dia 12 de junho de 2020, sexta-feira, dez alunos participaram da Roda de Conversa sobre Sonhos. Nesse espaço foram relatados quatro sonhos que versaram sobre os temas morte e despedida de entes queridos. O segundo desses sonhos disparou as reminiscências apresentadas na Cena 1 que abre este artigo. A estudante começa sua exposição por meio da linguagem escrita no *chat* do *Google Meet*, escrevendo que sonhou com o avô, que faleceu há um mês, mas que sua morte não tinha relação com o novo coronavírus. Ao ser convidada para fazer seu relato oral, ela enfatiza que acordou muito assustada, apesar de considerar que o material onírico é composto por cenas do cotidiano pré- pandemia de Covid-19. Porém, há embaralhamento de tempos históricos, pois no cenário do sonho, ela está no transporte público – que já não faz parte do seu cotidiano –, e menciona as diretrizes das autoridades sanitárias: distanciamento social e uso de máscaras protetoras. O sonho é narrado da seguinte forma:

⁵ As ações do projeto de extensão iniciaram em maio de 2020 como projeto piloto para os estudantes do terceiro termo do curso de Psicologia. No mês de junho foi oferecido para toda a comunidade acadêmica do *campus* Baixada Santista da Universidade Federal de São Paulo.

Eu estava no metrô, junto com a menina que mora comigo lá em Santos, porque a gente volta pra São Paulo juntas. A gente estava no metrô e aí a gente estava com muito medo de entrar no metrô por conta do corona, e aí a gente senta uma do lado da outra como a gente sempre faz, só que a gente começa a ver que em volta da gente tem muita gente sem máscara. Nisso, eu mudo de lugar, vou para um banco que está vazio e no que eu olho eu vejo ele, e aí fica aquela sensação meio como se tivesse falecido por conta do Covid, mas não foi e aí eu acordo super assustada.

A sonhante, ao ser questionada sobre suas associações referentes à experiência onírica, diz que o olhar do avô para ela no sonho “é um olhar muito característico, eu não sei, parece que é um olhar mais pensativo, talvez até um pouco perdido”. Completa que a mudança no olhar do avô tem relação com o fato de não ter havido velório e nem espaço de convivência entre os familiares enlutados. Aos poucos, se dá conta de certa tristeza por não ter tido tempo e nem espaço para se despedir do avô.

Cabe ressaltar que essa foi uma narrativa onírica que fez a palavra circular sobre o medo da morte, seja a nossa própria morte, seja a finitude dos nossos entes queridos, sejam os desaparecimentos de milhares de brasileiros, principalmente nesse momento no qual já estávamos há noventa dias em isolamento social, pois a OMS declarou pandemia do novo coronavírus em 11 de março de 2020 (UNA-SUS, 2020). As exigências das normas sanitárias criam protocolos para os velórios e colocam restrições que se referem ao número restrito de pessoas que podem participar da cerimônia de adeus e estabelecem sessenta minutos para que alguns familiares e amigos possam se despedir da pessoa amada (PEREIRA, 2020). A morte, então, passa a ser experimentada de modo solitário tanto para a pessoa que está com o vírus, pois ela não pode receber visitas durante a internação nos hospitais, quanto para parentes e entes queridos que perdem a possibilidade de externar seu último adeus por meio dos ritos aos quais estão acostumados, compostos por cerimônias que favoreciam a partilha da dor por intermédio do toque e do abraço das pessoas próximas – ou seja, rituais que possibilitavam a elaboração coletiva do luto. Assim, a sensação que predomina é que a despedida não aconteceu, logo, novos obstáculos se interpõem ao árduo trabalho de luto.

Outro ponto discutido durante o encontro foi apresentado por outra participante que se referiu ao fato de que:

A sociedade contemporânea já, há muito, minimiza a elaboração coletiva do luto, tentando higienizar a morte, terceirizando-a, afastando-a do cotidiano, além de ressaltar o produtivismo instaurado em nosso contexto social, no qual há a imposição de que o luto seja superado o mais rápido possível para retornarmos ao trabalho.

Em contraponto, há o relato da perda de um irmão, apresentado na Cena 1, que indicou como o ritual possível para a cerimônia de despedida (velar o corpo dentro da casa da família) pode dar a impressão de que a morte é mais aproximada, mas também mostrou como essa experiência pode apresentar malefícios quanto ao fato de a pessoa em sofrimento sentir-se “invadida” ao perceber sua casa ocupada por curiosos. Soma-se a isso o fato de a pessoa ainda ter a sensação de “que não se despediu suficientemente do irmão”.

Portanto, o trabalho de luto pressupõe um reconhecimento da perda e a necessidade de se despedir do objeto amado, tanto para o enlutado quanto para o grupo ao qual pertence. O grupo também é um continente que potencializa a partilha da dor e que está sendo obstado das pessoas enlutadas em tempos pandêmicos.

Cena 4 – Por uma psicanálise implicada com as questões de seu tempo

Na Roda de Conversa sobre Sonhos há, então, a circulação das manifestações do imaginário e do modo de funcionamento do inconsciente por meio da explicitação dos mecanismos psíquicos: condensação, deslocamento, figurabilidade e as possibilidades de elaboração. A psicanálise sai do espaço restrito do consultório, desloca-se do divã e vai ao encontro de novos modos de convivência e cuidado que respondem ao momento circunstanciado da pandemia no qual as atividades cotidianas estão suspensas e precisamos respeitar rigorosamente regras sanitárias para nos proteger de um vírus para o qual ainda não há vacinas e a única forma segura de prevenção é o distanciamento social. O psicanalista, ao exercitar uma psicanálise implicada (ROSA, 2018), faz uso da abordagem psicanalítica para ir ao encontro de locais nos quais a vida pulsa e a circulação de afetos acontece, no caso, o espaço *online*, com vistas à construção de cuidados outros, mais compartilhados, mais implicados com as questões de seu tempo (ROSA, 2004), ou seja, uma psicanálise engajada com a transformação da sociedade que visa à superação da repetição mortífera desencadeada por conteúdos obstados em suas possibilidades de elaboração. Elaborar para não atuar, recordar para não repetir (FREUD, 1914/1996).

Propusemo-nos a pensar em duas dimensões de tratamento do material onírico, visando ao cuidado para com o sonhante, ao cuidado de si, baseados na convivência, circulação da palavra e no compartilhamento de experiências e imaginários. A primeira dimensão de tratamento do material onírico se refere ao “quê” no conteúdo do sonho que nos remeteria à singularidade da história de vida do sonhante. Assim, prestar atenção na especificidade do cenário e dos objetos que aparecem e no clima visibilizado no sonho tem sido uma experiência profícua de encontro com a vida do sonhante.

Uma segunda dimensão está relacionada aos elementos comuns aos participantes do grupo que atualizam as interpelações ideológicas direcionadas às suas subjetividades (SILVEIRA, 2010). Ou seja, o que está em jogo no cenário construído no sonho é a posição subjetiva ocupada pelo sujeito ante as figuras de poder e os laços sociais hierarquizados da sociedade capitalista.

Cena 5 – A primeira dimensão: a inescapável singularidade

Aqui nos aproximamos da clássica fórmula de tratamento do sonho, presente no seminal livro “A interpretação dos sonhos”, de Sigmund Freud (1900/2017). O conteúdo onírico é repleto de sentidos e significados, movido pela realização de um desejo infantil inconsciente do sonhante e, assim, funciona como o guardião do sono, exercendo uma função protetora para que o sujeito continue a dormir. Há exceções, é óbvio, como o sonho de angústia, que desperta o sujeito em vez de proteger seu sono, e o sonho traumático, cujo cenário repete a situação que causou excessos de angústia (FREUD, 2010a/1920). Os dois impedem a continuidade do sono e podem impedir o sujeito de dormir.

Na Roda de Conversa há uma alusão à ideia do umbigo do sonho vinculado ao núcleo ininterpretável do conteúdo onírico; assim, todos do grupo são convidados a fazer suas associações e há ampliação dos sentidos, das possibilidades de simbolização e atribuição de significados vinculados ao conteúdo onírico manifesto que não visa chegar a uma verdade única, mas sim visa alcançar a plurivocidade dos desejos. Ou seja, a dor da perda é colocada para circular ali no grupo, a ponto de vários participantes

manifestarem suas experiências com a morte ou com a vida sob ameaça em tempos pandêmicos.

Há produção de reflexões sobre um conteúdo latente, o nosso medo da morte, às vezes tão distante de possíveis associações para o sonhante e tão explícito de significados para os outros ouvintes e participantes da roda de sonho. É um exercício de convivência com o estranho, tão familiar, que habita cada um de nós (FREUD, 1919/1976). O sonho embaralha, então, situações estranhas, como a nova expressão no olhar de um familiar em ambientes e com objetos costumeiros, e é disparado por experiências cotidianas que ocorreram em dias anteriores ou no mesmo dia no qual emergiu o sonho. Portanto, os restos diurnos e as experiências cotidianas permeiam o cenário do sonho e se articulam com o momento pandêmico do Brasil de 2020, como podemos verificar no ambiente do sonho relatado pela estudante C.

Ab'Saber (2005, p. 297) indica o trabalho de elaboração presente na construção do pensamento onírico, que faz referência ao processo criativo do sujeito, muito longe de ser apenas a reprodução das experiências da vida de vigília. Dessa forma, o fundamental não seria o conteúdo do sonho, mas sim a capacidade de o sujeito sonhar, cuja função restaura habilidades superiores da mente: imaginação, criatividade, percepção da realidade e possibilidade de estar em um espaço potencial partilhado com outros. Assim, no grupo, nós compartilhamos a capacidade de restaurar a potência do sonho que parece contagiar todos os participantes da roda de conversa.

Na narrativa de C. há algo de singular que é a relação de afeto com o avô: no sonho ela realiza o desejo de reencontrá-lo vivo e, claro, de usufruir de um tempo necessário à despedida. Podemos afirmar que se trata de um sonho no qual há um trabalho de elaboração de acontecimentos traumáticos; no caso, um cotidiano suspenso que aparece vivo no sonho, o medo da morte que a faz mudar de assento no transporte público e o encontro com o avô que produz enigma, susto e estranhamento. Há silenciamento do avô que, por meio do seu olhar, transmite a mensagem sobre a impossibilidade de despedida de nossos mortos no contexto pandêmico.

Em “Luto e melancolia”, Freud (1917/2012) faz um alerta para os sentimentos ambivalentes que emergem diante da perda de um objeto de amor. O reconhecimento de como valorizamos e qualificamos a pessoa amada e o sofrimento advindo da perda do laço afetivo que nos ligava a ela em um momento no qual, especificamente no Brasil, há certos discursos que precisam ser combatidos veementemente. São as narrativas que colocam a economia capitalista em primeiro lugar e indicam que os mais velhos precisam fazer sua parte de sacrifício, já que não são úteis para o progresso. Assim, no sonho, o avô está sozinho em um espaço do vagão do metrô, no qual ela busca mais segurança, mas parece ser o lugar reservado aos mortos. O sonho de C. parece resgatar a sua e a nossa humanidade perdida em meio ao medo da morte que nos espreita e que, em alguns casos, nos paralisa em silenciamentos e inações.

Cena 6 – A segunda dimensão: o comum partilhado

Esta dimensão está relacionada às contribuições do livro de Charlotte Beradt (2017) que, na década de 1930, durante a ascensão do nazismo, coletou sonhos de pessoas comuns e concebeu o material onírico como sismógrafos que detectam, ampliam e registram as vibrações e os conflitos de poder, impasses subjetivos de resistência política e/ou adaptação à banalidade do mal. Ou seja, a jornalista e ensaísta alemã apresenta as articulações entre produção onírica e contexto social e político e os efeitos das opressões que disparam e podem ser o mote para a criação dos elementos

do sonho. Nesse sentido, podemos afirmar que há sonhos cujos temas se repetem e trazem objetos, impressões e imagens similares entre diversos sonhantes que exprimem um contexto político que não cessa de interpelar ideologicamente o sujeito.

O avanço do trabalho minucioso de Charlotte Beradt está em não reduzir os sonhos aos conflitos no âmbito privado, na busca de um suposto trauma ou desejo infantil do sonhante, mas sim localizar o que nos conteúdos oníricos são reveladores dos conflitos conduzidos no espaço público. Portanto, o que interessa é como o material onírico exprime o conteúdo social e político e seus impactos psicossociais no sofrimento do sonhante, naquilo que ele expressa por linguagem, imagens e sensações para compreender os nossos tempos sombrios. Ou seja, a autora enfatiza os acontecimentos na realidade, seus efeitos sobre a singularidade do sujeito em contextos sociais, históricos e políticos específicos.

Portanto, na segunda dimensão de tratamento dos conteúdos oníricos, o sonho de C. expressa algo da experiência que pode ser compartilhada por todos que participam da roda de conversa, a professora que perdeu o irmão e a estudante enlutada pela morte do avô partilham a dificuldade de se despedir do ente querido que fez a passagem. Há sobreposição das cenas oníricas e memorialísticas que se referem ao trabalho de elaboração compartilhado no espaço comum do grupo, pois como afirma Freud (1917/2012), é parte do Eu que está perdido junto com o objeto amado; mais do que isso: é um lugar específico no laço social que fica ausente que pode ser exprimido por um jeito de olhar carinhoso do avô para a neta e um lugar de irmã predileta que se esvaem junto à perda de um ente amado.

Nesse sentido, o sonho de C. colocou em questão a nossa experiência com a morte, o nosso medo diante da finitude da vida. Freud (1915/2010b) indica que nós, os demasiadamente humanos, não fomos talhados para representar em nosso inconsciente a nossa própria morte, ao mesmo tempo que temos reações diferentes quando há riscos iminentes em relação a nossa própria vida, quando perdemos um ente querido ou quando ficamos sabendo do desaparecimento de um inimigo. Há sentimentos ambivalentes diante da perda dos objetos amados, que inclui amor, mas também ódio expresso no desejo de morte do outro. Se toda perda pressupõe o sentimento de culpa, é a nossa cultura que a sobrevaloriza, já que está estruturada em negar a nossa finitude e, assim, acostumamo-nos a viver como supostos cegos imortais. É nossa atitude perante as mortes que foi e está sendo colocada em questão.

Em 1915, Freud escreve sobre as mudanças que ocorreram durante a Primeira Guerra Mundial nos modos como homens e mulheres lidavam com a finitude humana. Se com o elevado número de desaparecidos durante as duas grandes guerras perdemos alguns ideais, entre eles o de que o homem é bom por natureza e de que somos incapazes de cometer crueldades gratuitas, imaginem agora no ano de 2020, quando no Brasil ficamos sabendo das mortes de milhares de pessoas, por meio das notícias do jornal diário, que poderiam ser evitadas se tivéssemos implantado políticas públicas adequadas. No tempo do agora, os nossos governantes eleitos desconsideraram as normas sanitárias e estamos desde 15 de maio (dois meses até a presente data) sem um representante no Ministério da Saúde. Mais do que nunca as ideias de Freud (1915/2010b) são atuais no sentido de que estamos desiludidos em decorrência de tanta violência e ficamos frente a frente diante do fato de que nossa sociedade está edificada em hipocrisias. Sem possibilidades de representarmos a morte em nossa mente, seguimos diante do enigma da possibilidade de nossa própria finitude, da ambivalência de afetos diante do desaparecimento dos nossos entes queridos e da nossa paralisia frente ao extermínio dos brasileiros mais vulneráveis em decorrência da pandemia por

Covid-19. A experiência inarredável da morte é o grande acontecimento traumático de nosso tempo e induz o trabalho do sonho em tempos pandêmicos.

Cena 7 – O sonho como despertar e o trabalho de elaboração psíquica

Rudge (1999) argumenta que é com a formulação da segunda tópica freudiana, ocorrida após 1920, que ocorrem mudanças na concepção da teoria dos sonhos. O que causa a produção onírica são os acontecimentos traumáticos e a tentativa de estabelecer ligações simbólicas sobre os excessos disparados pelo inesperado que nos espreita. Para a psicanalista, “[...] a função de realização de desejo no sonho, colocada em precedência em *Interpretação dos sonhos*, desloca-se para um segundo plano, subordinada à função de domínio e ligação através da simbolização” (RUDGE, 1999, p. 67). Em decorrência disso, o infantil tem restringida sua importância como causa do sonho e, assim, o mote da produção onírica é o presente e a sequência de acontecimentos imprevisíveis que nos acometem e se transformam em mola propulsora da formação onírica. Ou seja, fazer face ao inesperado é a tarefa do sonho e, assim, ele se refere a uma angústia que “[...] aponte para algo de que o saber anterior não poderia dar conta de forma alguma. Algo que podemos caracterizar como traumático e desorganizador, vindo do real, e que só pode ser vivido em uma perspectiva de passividade” (RUDGE, 1999, p. 68).

Tania Rivera (2017, p. XXII) destaca o estranhamento proporcionado pelo sonho: “[...] há no sonho um funcionamento pulsional anterior à realização de desejo: aquele da compulsão à repetição ligada à pulsão de morte”. Para a psicanalista é possível atribuir um papel central do sonho na elaboração psíquica, já que ele é, “antes de se tornar encenação do desejo, uma encenação do trauma” (RIVERA, 2017, p. XXIII).

Canavêz *et al.* (2018, p. 128) localizam um modo de ligação que está presente no mecanismo de figurabilidade que, diferente da representação que se refere a uma ideia, uma imagem, uma reprodução mental que será reativada internamente, diz respeito a um movimento anterior à formação de traços mnêmicos, indicando uma impressão, a marca de um pulsional em busca do que ainda não foi ligado. Para as autoras, a noção de figurabilidade estaria relacionada a um processo de “mostração, de tornar visível” por conta de um processo que “produz” e “constitui” uma imagem e não somente a reproduz. Diante do excesso causado por determinados acontecimentos traumáticos é preciso primeiro torná-los visualizáveis: “Só assim se torna possível dar algum contorno psíquico ao que não pode se fazer representar no psiquismo sob a forma de imagem ou ideia” (CANAVÊZ, *et al.*, 2018, p. 128).

Ao narrar seu sonho, C. coloca em circulação as diversas palavras, afetos e vocabulários que dão sentidos ao medo da morte. Ao entrar em um vagão do metrô no qual as pessoas não estão usando máscaras protetoras, o que causa medo de ser contaminado e morrer, e ao mudar de lugar na tentativa de transmutar a percepção daquilo que causa medo, a sonhante depara com o estranhamente familiar na expressão do olhar do avô, ainda vivo no ambiente onírico.

No Brasil, mais do que a pandemia, estamos vivendo o caos social, pois, atualmente, aqueles que lotam os transportes públicos não são os estudantes universitários, mas sim os trabalhadores tidos como menos qualificados que estão impedidos de cumprir o isolamento social. No sonho relatado e compartilhado no grupo, a sonhante C., ao escapar da parte do vagão no qual estão os supostos trabalhadores sem máscaras, se coloca no lugar de um deles porque se percebe ali misturada, mas tenta escapar. O que o conteúdo manifesto explicita é a forma como

cada um de nós pode responder às normativas sanitárias, depende do lugar de classe que ocupamos e do acesso que temos aos bens de consumo. O sonho relatado despertou-nos para o fato de que somos todos suscetíveis ao vírus, mas no Brasil há suscetibilidades maiores do que outras por conta da desigualdade social que determina quem deve morrer e quem pode viver.

A pandemia, portanto, explicitou mazelas da sociedade brasileira que já existiam, mas que vêm à tona cada vez com mais força e propulsão em estado de emergência. Se tentamos dormir para esquecer ou se não dormimos lá muito bem, ou se sonhamos com conteúdos que nos fazem despertar angustiados, tudo isso decorre do fato de que nossa tentativa de esquecer uma realidade tão dura foi inglória e conservamo-nos sonambúlicos. Ou seja, a nossa hipótese de trabalho é que a tentativa de elaboração de acontecimentos traumáticos disparada pelo sonho pode despertar uma força motriz que impele o sonhante contra o fechamento da vida e da indiferença perante outros humanos e a favor de uma ampliação perceptiva que indique o caminho da nossa responsabilidade diante da desigualdade social brasileira.

A despeito disso, há um horizonte de possibilidades que o material onírico pode nos ajudar a projetar e a organizar, nem que seja a oportunidade de elaborar o que nos corrói no presente para que nossas ações não sejam repetidas no futuro. Talvez aí esteja a beleza do texto “Repetir, recordar e elaborar”, de Sigmund Freud (1914/1996), que aposta na potência da psicanálise e dos psicanalistas implicados com seu tempo para contribuir para sairmos do ciclo de repetição mortífera e irmos na direção do novo, da reinvenção de nós mesmos e da criação de um mundo no qual possamos habitar com dignidade e humanidade.

Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro sustentam a ideia de que o sonho pode trazer uma novidade que nos surpreenderá e, de tão surpreendente, poderá trazer a demonstração e a realização do óbvio (MESA 6..., 2020). O ambientalista faz referência à canção “Um índio” (1977), de Caetano Veloso: “Surpreenderá a todos não por ser exótico, mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto; quando terá sido o óbvio”.

REFERÊNCIAS

- AB’SÁBER, Tales AM. *O sonhar restaurado: formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud*. São Paulo: Editora 34, 2005. 320 p.
- BERADT, Charlotte. *Sonhos no Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas, 2017. 184 p. Tradução de Sílvia Bittencourt.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus Brasil*. Ministério da Saúde. 2020.
- CANAVEZ, F. et al. *Corpos desaparecidos: guerra e resistência no Brasil. Birman J, Fortes I, organizadores. Guerra, catástrofe e risco: uma leitura interdisciplinar do trauma*. São Paulo: Zagodon Editoria, p. 119-30, 2018.
- CARRETEIRO, Teresa Cristina. *Acontecimento: categoria biográfica individual, familiar, social e histórica. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Loyola, p. 267-85, 2003.
- FREUD, Sigmund. (1919). *O “estranho”*. In: SALOMÃO, Jayme (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, p. 273-314, 1976.
- FREUD, Sigmund. (1914). *Recordar, repetir e elaborar: novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, p. 163-171, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1920). *Além do princípio do prazer*. (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Traduzido por Paulo César de Souza.
- FREUD, Sigmund. (1915). *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*. (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Traduzido por Paulo César de Souza.

- FREUD, Sigmund. (1917). *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. Tradução de Marilene Carone.
- FREUD, Sigmund. (1900). *A interpretação dos Sonhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017. Tradução de Renato Zwick.
- IMBRIZI, Jaqueline. M. (2020). Arte e sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes. Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>. Texto não publicado.
- IMBRIZI, Jaqueline Maria; ROSA, Miriam Debieux. A Desconstrução do Discurso sobre Trauma em dois filmes de Eastwood: uma contribuição das intervenções psicanalíticas clínico-políticas. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 280-289, dez. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142019003003>.
- MESA 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro. [S.l.: S.n.], 2020. 1 vídeo (76 min). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 25 maio 2020.
- PELLEGRINO, Hélio. Pacto edípico e pacto social: da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira. 2017. In: RIVERA, Tania.; CELES, Luiz. A. M.; SOUZA, Edson. L. A., *Coleção ensaios brasileiros contemporâneos: Psicanálise*. Rio de Janeiro: Funarte.
- PEREIRA, Felipe. Velórios de vítimas da covid-19 em SP duram 1 hora e têm limite de pessoas. *UOL*, São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/24/velorios-de-vitimas-da-covid-19-vaio-durar-uma-hora-e-restritos-a-10-pessoas.htm>. Acesso em: 06 ago. 2021.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 72 p.
- RIVERA, Tania. Prefácio: o sonho e o século. In: FREUD, Sigmund. *A interpretação dos Sonhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017. Tradução de Renato Zwick, Volumes I e II. (Trabalho original publicado em 1900).
- RIVERA, Tania. *Prefácio: o sonho e o século*. In: FREUD, Sigmund. *A interpretação dos Sonhos*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017. Tradução de Renato Zwick, Volumes I e II. (Trabalho original publicado em 1900).
- ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 06 ago. 2021.
- ROSA, Miriam Debieux. Psicanálise implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. 2018. Disponível em: <https://www.veredaspsi.com.br/wp-content/uploads/2018/04/artigo-miriam-clinica-politica.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.
- RUDGE, Ana Maria. As fantasias oníricas, para que servem? *Estados Gerais da Psicanálise. Psyche*, 3(4), 63-72, 1999. Disponível em: http://egp.dreamhosters.com/EGP/114-as_fantasias_oniricas.shtml. Acesso em 5 abr. 2020.
- SILVEIRA, Paulo. A interpelação ideológica: a entrada em cena da outra cena. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia.*, v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/apeste/article/view/12080>. Acesso em: 25 maio 2020.
- Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UNA-SUS). Organização mundial da saúde declara pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 25 maio. 2020.
- VELOSO, Caetano. Um índio. In: *Bicho*. VELOSO, Caetano. Philips Records, 1977. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44788/>. Acesso em: 25 maio 2020.

Recebido: 30/3/2021

Aceito: 1/9/2021

Publicado: 24/11/2021